

# AULAS DE HISTÓRIA PARA ALÉM DAS QUATRO PAREDES E DO LIVRO DIDÁTICO

DOI: 10.5935/2177-6644.20170023

HISTORY LESSONS BEYOND THE  
FOUR WALLS AND THE DIDACTIC  
BOOK

AULAS DE HISTORIA ALTAS DE  
LAS CUATRO PAREDES Y DEL  
LIBRO DIDÁCTICO

**Elison Antonio Paim** \*

**Gilberto Luiz Salini** \*\*

**Resumo:** Este texto trata de uma experiência realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Benedito, interior do município de Rio dos Índios – RS, com objetivo de repensar o processo ensino-aprendizagem em seu ambiente escolar. A escola encontra-se no território atingido pela instalação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó. Portanto, a partir do desenvolvimento de um projeto, passou-se a utilizar a instalação da Usina como espaço de estudo da realidade dos alunos, de modo que se compreendessem como sujeitos históricos. O trabalho foi realizado em 2009 com atividades fora da sala de aula, com visitas aos diferentes espaços e entrevistas com moradores, buscando o envolvimento dos alunos na construção de um conhecimento histórico.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Espaços de formação. Realidade escolar.

**Abstract:** This text deals with an experiment carried out at the São Benedito Municipal School of Primary Education, in the city of Rio dos Índios, Rio Grande do Sul State, Brazil, in order to rethink the teaching-learning process in its school environment. The school is located in the territory affected by the installation of the Foz do Chapecó Hydroelectric Power Plant. Therefore, from the development of a project, the installation of the Power Plant was used as a space for studying the students' reality, so that they understood themselves as historical subjects. The work was carried out in 2009 with activities outside the classroom, with visits to different spaces and interviews with residents, seeking the involvement of students in the construction of a historical knowledge.

**Keywords:** Teaching-learning. Training spaces. School reality.

**Resumen:** Este texto trata de una experiencia realizada en la Escuela Municipal de Enseñanza Fundamental São Benedito, interior del municipio de Rio de los Indios - RS, con el objetivo de repensar el proceso enseñanza-aprendizaje en su ambiente escolar. La escuela se encuentra en el territorio alcanzado por la instalación de la Usina Hidroeléctrica Foz do Chapecó. Por lo tanto, a partir del desarrollo de un proyecto, se pasó a utilizar la instalación de la Usina como espacio de estudio de la realidad de los alumnos, de modo que se comprendieran como sujetos históricos. El trabajo fue realizado en 2009 con actividades fuera del aula, con visitas a los diferentes espacios y entrevistas con moradores, buscando el involucramiento de los alumnos en la construcción de un conocimiento histórico.

**Palabras clave:** Enseñanza de Historia. Espacios de formación. Realidad escolar.

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutor em Educação – Unicamp. E-mail: elison0406@gmail.com

\*\* Docente de História da Rede Pública Municipal de Rio dos Índios - RS e responsável pelo Museu Municipal Otacílio Tizziani. Graduado em História pela Unochapecó e especialista em História Regional pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó. E-mail: smbprio@gmail.com

*O Homem, é que a vida de cada homem se desenvolve nos pequenos espaços. É neles que cada um se insere e se realiza, integrado numa família e numa comunidade, comunidade que é simultaneamente resultado e fatora do mundo. Por isso o amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apóia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência (SILVA, 1999).*

Expomos aqui uma experiência realizada, uma caminhada educacional que buscou resinificar as aulas de História das Séries Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), buscando envolvimento dos alunos, a construção de conhecimentos de forma coletiva e prazerosa e, ao mesmo tempo, conciliar teoria e prática.

O espaço dessa experiência foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Benedito, fruto de um processo de nucleação implantado no ano de 2000, no qual as escolas menores foram desativadas e seus alunos passaram a frequentar a escola em pauta, a qual centralizou alunos de 9 comunidades diferentes e passou a ser a maior escola da rede municipal, com 120 alunos do primeiro ao nono ano, em 2009. A forma de acesso, que antes se dava a pé, passou a ser por meio de transporte escolar.

A escola está localizada na comunidade de Encruzilhada Bela Vista, na zona rural, distante 11 km da sede do município de Rio dos Índios – RS, o qual se localiza ao Norte do Rio Grande do Sul. Tem seus limites a Norte com o Rio Uruguai, ao Sul com o município de Nonoai, a Leste com o município de Nonoai e a Oeste com o município de Alpestre, tendo sua colonização datada de 1912, desenvolvendo um processo de exploração madeireira, no qual foram instaladas as serrarias e a grande quantidade de balsas que escoavam essas madeiras para a Argentina.

Com a chegada de pessoas para trabalhar com a madeira, o processo educacional também teve seu início. Os registros apontam para 1915 as primeiras aulas ministradas nas Igrejas das comunidades católicas.

A experiência registrada que narramos marca o ano de 2009, período em que a escola passava por momentos de dificuldades no processo ensino-aprendizagem de modo geral, os quais se evidenciavam também nas aulas de História. Mas esse evento não era algo isolado, fruto do acaso, mas sim de um processo que estava ligado a fatores históricos que envolviam o espaço escolar, entre os quais citamos:

- 1- Defasagem organizacional administrativa. A então SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) do município passava por um plano governamental em que os secretários de educação faziam um revezamento no cargo, ficando apenas um ano cada. Com isso não havia continuidade nos Planos de Estudo, em processo contínuo de avaliação, nem acessibilidade entre escola e secretaria de Educação e os professores estavam desorientados.
- 2- A chegada do sinal de internet nas escolas do interior, e os primeiros celulares com câmeras que chegavam às mãos dos estudantes, o que era uma novidade no meio rural. Isso tirava a atenção das aulas e era uma preocupação dos professores.
- 3- O momento tenso em que viviam alunos e suas famílias, devido ao processo de instalação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó que atingiria grande parte das propriedades. Todos viviam a insegurança quanto às indenizações, as retiradas, as despedidas que afetariam tanto os que saíam quanto os que ficassem.

Nesse contexto, as aulas de História estavam desconectadas dos aspectos reais que faziam parte do cotidiano dos alunos, do seu real. Conforme Montellato (2000, p.190),

Os alunos também não podem ser considerados simples receptores de conhecimento previamente elaborados, mas precisam ser estimulados a utilizar o conhecimento histórico como um instrumento de leitura do mundo que os cerca. [...] A história, portanto, é uma forma de interpretar o mundo, e os alunos deverão incorporá-la à sua experiência de vida e ampliando-a.

Entendemos que suas experiências estavam em seus espaços de vida e que naquele momento trabalhar com o vivido passava pela esteira da barragem e seus desenrolares. Também notamos que todo esse processo nos afetava enquanto professores e comunidade escolar. Então paramos, enquanto corpo docente, para buscar alternativa. A perspectiva era de conseguir ajuda no sentido de criar alternativas, de orientar e analisar a situação real para juntos traçarmos novos caminhos visando melhorias no processo ensino-aprendizagem.

Então, o professor Gilberto procurou o professor Elison, explicou a situação e prontamente aceitou o desafio. Ao retornar à escola e contar da parceria, percebeu que a mudança já estava acontecendo, pois afinal tratava-se da visita de um professor doutor em educação na nossa escola, no nosso local de trabalho, no interior do município de

Rio dos Índios. Houve uma valorização do nosso espaço, nossa escola assumiu um caráter de importância que andava sumido, criou-se um ar de responsabilidade e conversávamos nos corredores sobre a chegada do professor.

No dia combinado o professor chegou e o corpo docente o esperava. Reunimo-nos na sala dos professores e expomos da nossa insatisfação com aquele momento educacional em que passávamos: alunos desmotivados, professores sem uma linha definida de trabalho que provocasse mudanças, falta de base teórica e um turbilhão de acontecimentos que afetava nosso espaço escolar, principalmente a construção da barragem que atingiria nosso município e conseqüentemente nossa escola.

No primeiro encontro recordamos aulas e professores que nos marcaram enquanto alunos, o professor falou sobre o novo momento da educação e seus desafios; fizemos grupos e discutimos o processo educacional percebendo a importância do nosso trabalho para a vida desses alunos e suas famílias. Foi a primeira injeção de ânimo e responsabilidade que recebemos. Relatamos sobre a realidade das famílias que constituíam a escola, sobre os alunos, sobre o que conhecíamos e desconhecíamos de suas realidades.

Ficou estabelecido que o professor nos acompanharia no trabalho pelo período de um ano com visitas bimestrais. Mas ficamos cientes de que o trabalho prático realmente ficaria com a escola enquanto corpo docente e comunidade, ou seja, não haveria uma receita pronta a ser aplicada e nem o professor Elison seria o salvador do nosso processo educacional, mas sim que teríamos que trabalhar e muito, com leituras, discussões e encaminhamentos. De início, isso nos assustou um pouco, pois afinal seria muito trabalho e isso nos tiraria de zona de conforto.

Ficou acordado, após discussões, que o caminho a ser trilhado era a construção de projetos que conseguissem ampliar o envolvimento dos estudantes e, que viessem ao encontro do contexto em que a escola se inseria. Entendemos nesse momento que se quiséssemos trabalhar o vivido pelos estudantes precisávamos conhecê-los melhor, então decidimos elaborar uma pesquisa por meio de questionários que buscavam dados dessas famílias, perpassando por informações socioeconômicas-financeiras, além de dados pessoais e culturais. Após o recebimento e tabulação desses dados, decidimos que trabalharíamos a questão da barragem, ou seja, a instalação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó e suas implicações no contexto escolar.

As informações a respeito da instalação da barragem começaram no ano de 2004 e se estenderam até 2011, quando as águas inundaram as encostas ao entorno do Rio Uruguai. Os ribeirinhos, muitos dos quais frequentavam nossa escola, moravam nesses lugares, onde construíam seus laços de identidade e suas significações culturais. Nesses espaços, trabalhavam, divertiam-se e principalmente construíam seus modos de vida e de sustento, caracterizando-os enquanto sujeitos históricos. A empresa obrigou essas famílias a saírem de suas moradias deixando-as sem opções, além de impor uma pressão psicológica para a saída, instalando a insegurança e o medo de perda desses sujeitos em relação aos seus bens. Havia por parte da empresa uma tabela de valores para as benfeitorias de ordem financeira, mas que desconsideravam todo o valor sentimental e cultural desses lugares.

No que se refere às aulas de História, diante desse contexto, elaboramos um projeto (Plano de Trabalho), visando estabelecer os passos a serem implantados para a execução dessa pesquisa, pensando em trabalhar teoria\prática, partindo das experiências vividas pelos estudantes. Nesse sentido, pensamos em ir até nossos alunos, visitar sua comunidade, entender quais áreas seriam atingidas pela barragem, registrar, fotografar, filmar, ou simplesmente olhar esses espaços. Fazer aulas de História na prática, lá na barranca do rio Uruguai, na casa do atingido, nas comunidades que ficariam embaixo d'água, num trabalho de campo, (Foto 1) mas em conexão com a sala de aula tendo os momentos de estudo na escola (síntese e registro desse material).

Imagem 01 – Aula passeio com estudantes



Fonte: Acervo dos autores

Como ponto de partida foi divulgado o projeto para as turmas e discutido sobre sua importância. Na sequência, foram realizadas reuniões com os pais na escola, para estabelecer metas e pedir seu envolvimento e sua compreensão em eventuais mudanças de horários.

Nas aulas de História definiu-se trabalhar os espaços a serem alagados, com ênfase nas famílias que precisariam mudar de suas terras. Como no ano anterior, em 2008, já havíamos feito nas aulas de História um trabalho de levantamento, sabíamos que 43% dos alunos teriam que mudar juntamente com seus familiares de suas terras, sem saberem ainda como ou para onde<sup>1</sup>. O mesmo acontecia com os professores, que não sabiam quantos alunos teriam no ano seguinte para trabalhar, ou mesmo se teriam trabalho.

As visitas seguiriam um cronograma pré-estabelecido das áreas a serem atingidas pelo lago, inclusive as famílias dos alunos residentes nesse espaço. Usaríamos o transporte escolar, levando professores, alunos, pais que eventualmente acompanhariam a viagem, os motoristas, as serventes e merendeiras, ou seja, nos dias das visitas, a escola praticamente se transferia para os espaços estudados, era a implantação das aulas de História para fora das quatro paredes da sala. Houve momentos em que o professor orientador também nos acompanhou nessas visitas pelo universo das áreas a serem alagadas conforme imagem abaixo.

Imagem 02 – grupo de professores em visita a um pescador as margens do rio Uruguai



Fonte: Acervo dos autores

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no período de março a abril com formulários entregue aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Benedito.

A cada visita notávamos a valorização que os alunos sentiam quando chegavam à sua comunidade, as quais se constituem numa pequena estrutura que dá sustentabilidade e autoafirmação para esses moradores. Esses pequenos agricultores ribeirinhos tinham em seus espaços de convívio ao mesmo tempo áreas de moradia e de produção. “Essas áreas com determinados bens comunitários – escola, igreja, salão de festas etc” (BLOEMER, *apud* GODOI, 2009, p.313).

E assim, essas comunidades constituíam-se de alguns espaços construídos para uso coletivo como:

**SALÃO COMUNITÁRIO** – geralmente construção feita pelos próprios moradores que estabelecem esse espaço para seus encontros semanais. Usado para reuniões comunitárias, festas, bailes, casamentos e demais eventos que condizem com os moradores.

**BODEGA OU COPA** – tratado na maioria das comunidades como bodega, é o espaço anexo a esse salão comunitário onde há a venda de bebidas e jogos, comumente jogos de baralho como o “três sete”, e bocha em algumas comunidades.

**IGREJA** – nas comunidades do interior do município de Rio Dos Índios há a presença da Igreja Católica, que assume a centralização desses lugares. Havendo visitas dos padres com a realização de missas mensais, além dos cultos semanais realizados por pessoas locais.

**CEMITÉRIOS** – a grande maioria das comunidades possui o cemitério, onde são sepultados os mortos, constituindo-se em mais um ponto de encontro e união dos integrantes da localidade.

**CASAS** – morada das famílias que em sua grande maioria eram simples. Lugar sem muito luxo. Onde esses alunos moravam, geralmente ao lado de hortas, poteiros onde ficavam animais como bovinos, inclusive muitos vendiam leite, pátios arborizados e constituição de espaço rural.

**ROÇAS** – entre os alunos pesquisados todos faziam parte de famílias de agricultores, geralmente pequenos proprietários, que faziam da roça o espaço para plantar alimentos usando a mão de obra familiar. Inclusive os próprios alunos trabalhavam com sua família na agricultura. O cultivo era de alimentos como: batata, mandioca, milho, trigo, feijão e em alguns casos a soja, além de cana para produção de

açúcar mascavo, criação de galinhas, porcos, bovinos e ovinos. Nesse sistema de subsistência vende-se o excedente.

No caminho até as propriedades esses alunos iam relatando de quem eram as terras, seus moradores... enfim, assumiam o papel de líderes da excursão. Atrevemo-nos a dizer: assumir o protagonismo de sua história e de sua cultura, o que foi nos fascinando e fazendo ver na prática o grau de envolvimento social desses sujeitos (de “carne e osso”) no centro da reflexão histórica, como defende Beatriz Sarlo (2007 p. 16):

As ‘histórias da vida cotidiana’, produzidas, em geral, de modo coletivo e monográfico no espaço acadêmico, às vezes têm um público que está além desse âmbito, justamente pelo interesse “romanesco” de seus objetos. O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente.

Essa opção por temáticas do cotidiano como costumes, crenças, paixões, é a “identidade dos sujeitos” que relatavam o pertencimento a essa ou àquela comunidade “Este é o campo onde jogamos futebol, ali mora o vizinho, aquele é meu padrinho”. O ato de cumprimentar os moradores e conduzir o passeio fez-nos entender a bagagem cultural desses alunos que fazem parte de uma escola do campo, a qual precisa levar em conta seu papel, conforme afirma Molina (2009, p.32):

Um dos aspectos relevantes para o funcionamento de uma escola que possa ser considerada ‘do campo’ é o reconhecimento e a valorização da identidade de seus sujeitos. Reconhecer e valorizar implica construir e desencadear processos educativos, dentro, e ao redor e no entorno da escola que não destruam a autoestima dos sujeitos pelo simples fato de serem do meio rural; de serem sem-terra; de serem filhos de assentados; filhos de agricultores familiares; extrativistas; ribeirinhos; quebradeiras de coco.

Entendemos também que além de ver, precisávamos documentar essas visitas, assim, nos apoiamos em três pilares:

- Escrito - Os estudantes levavam cadernos e canetas aos passeios, faziam suas anotações e ao retornarmos à escola fazíamos as memórias escritas.



Imagem 03 – estudantes fazem anotações durante aula passeio



Fonte: Acervo dos autores

- Filmagens – A escola dispõe de uma filmadora. Com isso registramos as visitas, o que também entusiasmava as turmas em aparecerem nas filmagens. Isso gerou um total de 2 DVDs que registram imagens de lugares que hoje encontram-se totalmente submersos.

Imagem 04 – antiga residência em área a ser atingida pelo lago da barragem



Fonte: Acervo dos autores

Os lugares aos quais visitaríamos estavam previstos na elaboração do projeto. Sendo estabelecidas as etapas que consistiriam em: visitar, filmar, fotografar e anotar detalhes das áreas a serem atingidas pelas águas da barragem e estendendo para toda a encosta do município e não só a pertencente à escola. Passamos a visitar as comunidades

de Saltinho, Bela Vista I, Saltinho II, Sbarain, Linha Riva, Lajeado Grande, Linha Monjolo e Porto Caxambu.

Definíamos o dia, nos encontrávamos e escola e com o transporte escolar, um ônibus e um micro-ônibus, nos deslocávamos até os pontos estabelecidos. (Foto 5)

Imagem 05 – estudantes descem da van em aula passeio



Fonte: Acervo dos autores

Foram momentos em que conhecemos espaços até então desconhecidos, atravessamos sangas, poteiros, conversamos com ribeirinhos e estabelecemos um elo de proximidade com os alunos que antes não tínhamos. Eram viagens alegres e todos empenhados em conhecer, em ver a melhor imagem, enquanto os que pertenciam aos locais contavam detalhes do lugar, histórias populares do espaço. Os alunos relataram, quando visitamos o Lajeado Grande, que aquele era o lugar onde se reuniam para nadar nos finais de semana, era encontro marcado e logo após tiravam bergamotas e se divertiam; histórias de pescarias junto com seus pais no rio Uruguai, “ali”, e apontavam para o lugar e todos os alunos ficavam observando; ou “aquela é a Igreja onde frequento o catecismo”, “aquela é a nossa roça, ajudei a plantar”.

Entendemos que esses múltiplos espaços se constituíam de significado de lugar que ultrapassa o sentido de localização, como nos afirma Ferreira: "o lugar é o terreno onde são vividas as práticas sociais, é onde se situa a vida cotidiana, é o espaço praticado. A especificidade do lugar age, deste modo, ativamente sobre o espaço social geral capitalista" (2000, p.78).

Há, portanto, toda uma significação para esses espaços que agora se tornam o lugar onde cada morador ou participante, atribui-lhe um valor carregado de significados. Reforçado por Ferreira ao defender que a identidade é

[...] a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar (1993, p.68).

Ao retornarmos para a escola, trabalhávamos com essas fontes, abríamos discussões e sempre construíamos registros escritos. Dessa forma, fizemos uma rodada de visitas e tínhamos em mãos a primeira etapa realizada.

Nessas discussões surgiu a ideia de explorarmos pontos da História local, assim defendidas por Raphael Samuel, pois:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. [...] Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam a disposição no local ou a estrutura não se manterá (1989, p. 220).

Conseguimos estabelecer um significado especial ao estudarmos aqueles espaços históricos locais, buscando naqueles pormenores a construção das aulas de História e interligando dentro de um contexto maior, como afirma Schwarzstein (2001, p. 40):

A história local é um aspecto importante, ainda que limitado do trabalho escolar com fontes orais. Pode-se partir do entorno para promover o interesse por problemas que o transcendem. Entretanto, é importante abordar o local, enfatizando a necessidade de colocá-lo em um contexto global, que permita a análise de um conjunto de relações. Dessa maneira, aproveita-se para a aprendizagem, simultaneamente, a atração ao concreto e próximo, e ao distante e diverso. O conjunto de desafios e possibilidades que analisamos com anterioridade tem consequências muito importantes no desenvolvimento atitudinal e nos instrumentos de aprendizagem que os alunos vão adquirindo através de sua prática, que aponta nessa direção.

Nessa esteira, a ideia de se pensar e escrever a História toma um novo rumo, como nos indica Bueno, negando uma "história oficial" que (2005, p. 7):

[...] privilegia a preservação da memória de determinada classe social, a partir de uma versão monolítica da história, essa política de preservação tenderá a produzir o apagamento e o esquecimento da possibilidade de existência de outras histórias e memórias. Nesse caso, sem a percepção dessa pluralidade de histórias e memórias, o cidadão que não teve a sua história contemplada na versão que identificamos como oficial tenderá a experimentar a sensação de desenraizamento.

A macro história, aquela que tenta explicar tudo de uma só vez é uma história vista de cima, que conta com grandes feitos e heróis, aparecendo como uma verdade pronta. Ao negar-se essa concepção, desenvolve-se uma história vista em seus microaspectos, que procura estudar e dar a devida importância aos particularismos, às curiosidades, aos exotismos. Faz surgir espaço para a história regional e local, contrapondo-se a uma universal, conforme nos diz Graça Filho (2009, p.55).

Pensar em uma história mundial ou na história universal é hoje uma tarefa impossível. Ou talvez sejam ambas possíveis, mas sem credibilidade. As histórias universais dos últimos quinhentos anos foram imbricadas em projetos globais. Hoje, as histórias locais estão assumindo o primeiro e, da mesma forma, revelando as histórias locais das quais emergem os projetos globais com seu ímpeto universal.

O autor nos mostra a importância da história local para a compreensão da história nacional e até mesmo global, a partir de aspectos e situações locais, com a convicção de que desse mosaico de histórias locais se constitui um universo mais amplo e interligado de relações, que permitem investigar mais profundamente aspectos macros, que dos quais a história nacional não aspira e nem daria conta.

Com essa compreensão, elencamos então a pesquisa sobre um casarão abandonado na área a ser atingida pelas águas, na comunidade de Porto Caxambu, e que depois se tornou o Museu Municipal.

Imagem 06 e 07 – casa no local de origem e no caminhão rumo a área urbana



Fonte: Acervo dos autores

Trabalhamos com os alunos a importância da pesquisa e da história oral, também descritas por Samuel (1989, p.230):

A evidência oral torna possível escapar de algumas falhas dos documentos, pelo menos até onde interessa aos termos recentes (i. e., aqueles que são de memória viva), e o testemunho que traz é pelo menos tão importante quanto o das cercas vivas e campos, embora um não deva excluir o outro. Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder, nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infundável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato.

E nesse entendimento do papel crucial da história oral para nosso projeto e das verdades que ficam gravadas na memória das pessoas mais velhas, como diz o autor, sentimos a necessidade de trabalharmos a entrevista.

[...] as entrevistas como formas capazes de fazer com que os estudos de história local escapem das falhas dos documentos, uma vez que a fonte oral é capaz de ampliar a compreensão do contexto, de revelar os silêncios e as omissões da documentação escrita, de produzir outras evidências, captar, registrar e preservar a memória viva. A incorporação das fontes orais possibilita despertar a curiosidade do aluno e do professor, acrescentar perspectivas diferentes, trazer à tona o 'pulso da vida cotidiana, registrar os tremores mais raros dos eventos, acompanhar o ciclo das estações e mapear as rotinas semanais' (SAMUEL, 1989, p. 133).

A memória pode ser entendida nas definições de Benjamin (1994) na relação com experiências vividas. Para ele, o historiador faz uma construção narrativa na relação com um outro tempo, que não são os tempos contínuos, vazios e homogêneos. O tempo da rememoração é um tempo vivo, que propõe a salvação e não redenção dos sujeitos que rememoram. Aproveitando para trabalhar a importância de se preservar, conforme Chagas (2002, p.141)

Memória e preservação aproximam-se. Preservar é ver antes o perigo da destruição, valorizar o que está em perigo e tentar evitar que ele se manifeste como acontecimento fatal. Assim a preservação participa de um jogo permanente com a destruição, um jogo que se assemelha, totalmente ao da memória com o esquecimento.

Nessa mesma linha, aproveitamos para trabalhar aspectos históricos do município e chegamos aos alambiques, que são espaços de fabricação de cachaça e que perduram com o passar dos anos, e que são símbolo da nossa região. Visitamos então a propriedade do Senhor Valdir Elli na comunidade de Saltinho, o qual nos explicou passo a passo o processo de fabricação de cachaça, de modo que conseguimos observar como técnicas rudimentares conseguem sobreviver ao tempo e como o novo e o velho podem andar lado a lado.

Imagem 08 – estudantes em visita a alambique produtor de cachaça



Fonte: Acervo dos autores

Depois de mais essas visitas, organizamos o material, montamos arquivos de fotografias, passamos as filmagens para o DVD, transcrevemos as entrevistas e guardamos escritos e anotações.

O próximo passo seria fazermos uma nova visita a esses locais após o alago, observando as mudanças provocadas. Essa etapa, porém, ficou para os anos seguintes, pois as águas só começaram a subir no final de 2010 e início de 2011, o que deu caráter de continuidade ao projeto, o qual extrapolou o período de um ano.

O projeto transcorria em meio às discussões municipais de indenizações, reassentamentos e busca por direitos das famílias ribeirinhas, e havia reuniões nos salões comunitários e escolas, com a presença e participação ativa de nossos alunos, aproveitando-se das discussões na escola e do projeto.

Essa experiência teve a participação da comunidade escolar, com o suporte pedagógico do professor Elison, mas principalmente contou com o envolvimento dos alunos e dos professores, pois, foi um trabalho coletivo e envolvente. A turma apontava possíveis lugares a serem visitados; ajudou a criar a planilha de visitas; entendia que em dias de chuva não era possível cumprir o cronograma; chamava atenção para os detalhes na observação nas visitas, de não se esquecer de levar material para anotar; desejava e esperava dia após dia a próxima visita. Isso abriu horizontes para se pensar outros projetos, temas reais e dentro do contexto escolar.

Ao final do ano a escola organizou no salão paroquial vizinho uma exposição de todos os trabalhos realizados.

Imagem 09 e 10 – exposição dos trabalhos no salão comunitário



Fonte: Acervo dos autores

O professor Elison, ao participar desse momento, realizou entrevistas com pais, alunos e professores perguntando como avaliavam o projeto. Destacamos a fala de um pai que, de certa forma, sintetiza tudo o que a comunidade, estudantes e professores viveram com essa experiência de produção de conhecimentos nas diferentes áreas.

Eu tô achando bom, maravilhoso. É um resgate histórico muito interessante de se fazer. No momento da explanação ali que estavam falando, a gente viu que lá em 1912 quando os imigrantes vieram para cá isso era uma floresta muito rica e hoje toda aquela madeira que viajou pelo Rio Uruguai, que hoje tá na Europa, imagino eu. Foi a riqueza, foi solo, tudo que tinha aqui. E hoje estão manifestando e lutando por uma casa. Sendo que aqui tinha madeira e hoje aqui não tá, os madeireiros mais. Não está mais os empresários que vieram para cá para desenvolver o progresso. E nesse momento, nessa conjuntura é a mesma coisa que está acontecendo a Foz do Chapecó e as empresas que vieram pra cá, com esperança desse povo aqui que aqui ia ser um progresso muito grande. Isso gerou assim uma miséria, tem que fechar escola tem que ir embora. Restou muito pouco para nós. O que restou foi uma tristeza muito grande. Ficou esse sentimento muito grande. Anda bem que aparece, volta e volta aparece pessoas que se pode contar. Como no caso de vocês. Eu tenho certeza que nós podemos contar. Que aqui apareceu muito vigarista, muito que deveriam estar na cadeia. Estar algemados, nos presídios e vieram para cá enganar o povo, iludir o povo e levaram as riquezas. Com certeza essa manifestação que tão sendo feita por habitação é de quem tinha e hoje não tem. Quem tinha terra não vão ter mais. Alguns foram assentados outros migraram com carta de crédito. Nós vamos ter que manifestar por água. Estamos sem água. Com todos esses lajeados já estamos enfrentando uma crise não temos água para tomar. Isso aí vai ser privado e aí a riqueza que a barragem vai produzir não vai ficar pra nós, ela vai para o exterior. Com certeza está água vai ser vendida amanhã ou depois. Em nosso entendimento, terra e água teria que ser patrimônio da humanidade. Tinha que ser de todos. Deus não vai fazer outra terra e outra água pra nós. Vamos ter que nos virar com essa. Não pode o monopólio na mão de poucos. Ela tem que ser de muitos. [...] Os professores antes não entendiam e ainda tachavam, tinham outra visão da barragem. Hoje eles veem a realidade mesmo de como está funcionando. No começo, tipo dez anos atrás, que eu também estudei aqui e eu já vi falar nesse projeto que o povo já estava indo embora pra o Mato Grosso, já estava abandonando. Muitos diziam, não, não.... Até professores mesmo diziam isso vai ser uma boa ter barragem, vai crescer, vai ter área de turismo, vai ser um monte de coisas. E a partir... pelo contrário, acabou virando... chega de São Paulo. Chega gente de e o nosso pessoal que esperava para ser mão de obra não aconteceu. Diziam que ia ser mais barato. Ficou mais caro e o desemprego chegou aí. Nós do município.... Eu fui vereador oito anos, acabei.... Hoje olhando para os meus companheiros o pessoal que me ajudava, que trabalhava não existe mais. Não tem mais. Tem que trabalhar numa outra lógica, numa outra conjuntura. Eu acho que para esse tipo de coisa é bom. Tomara que isso daqui vinte anos, daqui trinta anos, daqui cem anos na frente nós possa ver isso aqui como uma coisa



que veio para nos ajudar e também comparar com aquilo que veio. Era uma esperança de ser bom e acabou dando uma decepção para nós. Em questão de poucos anos nós já vimos como ficou a situação. (Pai de alunos).

Com o passar dos anos, a realidade mudou, muitos desses alunos e suas famílias foram embora, grande parte das terras ficou alagada, comunidades sumiram e até mesmo o corpo docente da escola está mudado. Ficou, porém, um potencial material histórico de pesquisa e sementes de transformação que ajudaram e encaminharam muitas famílias. Nos dias atuais, a escola conta com 75 alunos e vive o pós-barragem, mas seguidamente encontramos ex-alunos e professores que vêm nos cumprimentar e lembrar o projeto e sua significância para suas vidas, nos deixando a certeza da validade da experiência e sua importância para as aulas de História.

Ao término desse trabalho, restou uma mudança estrutural no processo educacional enquanto escola, especialmente a relevância para as aulas de História. De imediato, ficou evidenciada a importância de se trabalhar com projetos elaborados na sala de aula; a segurança que uma base teórica (projeto escrito) traz para o professor de História, que leu, buscou referencial, traçou objetivos... Ficou a lição de que, muitas vezes, reclamamos a falta de material, mas que na verdade somos também responsáveis por esses documentos e que podemos construí-los ali na sala de aula, na nossa escola, com nossos alunos.

Também conseguimos entender que as aulas de História podem e precisam sair das paredes de nossa sala e que o espaço em que a escola está inserida é um campo rico de material de pesquisa e estudo. Entretanto só traz resultados quando consegue envolver a turma, quando construído de forma coletiva. O cotidiano do aluno, a sua realidade, deve ser espaço de estudo, aproveitando essa história local e o seu verdadeiro sujeito histórico, ou seja, o nosso aluno.

Por fim, tornou-se visível a importância do envolvimento do professor com a comunidade escolar. Falamos tanto nos bancos da universidade em conhecer a realidade de nossos estudantes, mas conhecemos muito pouco e muitas vezes passamos pela vida deles sem saber nada do seu espaço de vida. Eles precisam e querem nossa ajuda, nossa visita, querem nos mostrar, nos contar como é “fazer-se sujeito histórico”.

Há sim, uma série de desafios a serem enfrentados por nós professores de História que só serão vencidos quando nos aventurarmos a adentrar no mundo de nossos alunos.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **Educação patrimonial e a preservação de bens históricos**: construindo alternativas no diálogo com gestores públicos. 2005. Digitado.
- CHAGAS, Mário: A vida social e política dos objetos de um museu. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, 2002.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 9, jul./dez., 2000, p. 65-83.
- FERREIRA, Lucrecia D'Aléssio. O mapa da mina. Informação: espaço e lugar. In: SANTOS, Milton. et al. (Org.). **O novo mapa do mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- GODOI, Emilia P. MENEZES, Marilda A. MARIN, Rosa A. Colonos italianos e caboclos no planalto catarinense. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: UNESP, 2009, 311-333.
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **História, região & globalização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- MOLINA, M. C. Cultivando princípios, conceito e práticas. In: **Presença pedagógica**. Belo Horizonte: 2009.
- MONTELLATO, A. Rodrigues Dias. **História Temática**: diversidade cultural e conflitos. São Paulo: Scipione, 2000.
- SAMUEL R. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Francisco Ribeiro da. **História Local**: objetivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1999.
- SCHWARZSTEIN, D. **Uma introducción al uso de la historia oral en el aula**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

Recebido em: 20 de outubro de 2017.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2017.